

METAPSIKOLOGIA E PRINCÍPIOS CLÍNICOS

METAPSYCHOLOGY AND CLINICAL PRINCIPLES

Izabel Cristina Barbelli¹

Resumo: A pesquisa sobre as características epistemológicas da psicanálise freudiana exige uma análise voltada para os critérios com os quais Freud estabeleceu os parâmetros experimentais constituintes dos processos de construção e validação dos conceitos metapsicológicos e uma análise sobre a natureza da racionalidade que fundamenta a estruturação do arcabouço conceitual da teoria metapsicológica a partir da busca de leis endopsíquicas formuladas por articulação lógica dos resultados adquiridos na prática clínica. Trata-se, portanto, de analisar se tais critérios podem, de fato, proporcionar a essa teoria uma efetiva referência à realidade psíquica humana.

Palavras-chave: Freud. Metapsicologia. Clínica. Epistemologia.

Abstract: The research about the epistemological characteristics of the Freudian psychoanalysis requires an analysis focused on the criteria in which Freud established the experimental parameters within the construction and validation processes of the metapsychological concepts, as with an analysis about the nature of the rationality that substantiates the structures of the conceptual framework of the metapsychological theory starting with the search of endopsychic laws formulated by logical articulation of acquired results in the clinical practice. Therefore, it deals of analyzing whether such criteria may, or may not, provide this theory an effective reference to the human psychic reality.

Keywords: Freud. Metapsychology. Clinical. Epistemology.

Grande parte das discussões e críticas acerca da teoria psicanalítica freudiana gira em torno da metapsicologia e de suas hipóteses biofiscalistas. O objetivo principal de tais críticas é questionar o valor explicativo da psicanálise. Há teóricos que não consideram o aspecto biológico da metapsicologia, pois priorizam apenas o aspecto psicológico, enquanto outros tentam substituí-la por sistemas hermenêuticos ou pela teoria sistêmica. Nosso propósito no presente artigo é questionar a epistemologia dos fenômenos metapsicológicos.

Atualmente há várias interpretações a respeito da relação entre a metapsicologia e os princípios clínicos, no entanto, a maioria delas está centrada na discussão acerca da possibilidade de uma inter-relação entre teoria e modelo, ou seja, no caso, entre psicanálise clínica e metapsicologia. A primeira corresponderia do primeiro ao sexto

¹Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília em 2005. E-mail: belbarbelli@yahoo.com.br

capítulos da obra freudiana “A interpretação dos sonhos”, enquanto que a segunda representaria o capítulo sete do referido texto, o qual comporta o fisicalismo de diversos conceitos metapsicológicos, como força, estrutura e energia (HOLT, 1989). A analogia que Freud fez entre esses conceitos e a teoria da eletricidade, por exemplo, possibilitou a compreensão intuitiva de fenômenos metapsicológicos. No entanto, diversos autores têm contestado a concepção topográfica de Freud, que figura o aparelho psíquico em diagramas esquemáticos, os quais, a princípio, parecem satisfazer as definições de modelo empregadas pela ciência. Um questionamento frequente acerca desta concepção é se de fato ela pode ser considerada como um “modelo especial de ciência” e, ainda, se pode servir como ponte entre duas ciências com assuntos distintos, a saber, a metapsicologia e a psicanálise clínica².

Há teóricos que não entendem a metapsicologia enquanto uma metateoria, isto é, como uma teoria considerada por meio da análise, da investigação e da descrição da própria teoria, pois acreditam que ela contraria tudo o que representa esse conceito derivado da filosofia da ciência. Além disso, alegam que os conceitos metapsicológicos (libido, pulsão, princípio do prazer, catexia) possuem várias deficiências, com definições vagas e imprecisas e, muitas vezes, são empregados na literatura psicanalítica, de formas completamente diferentes. Esse fato, segundo Holt (1989), tem causado uma complicação desnecessária à psicanálise, que ocorre em função do excesso de níveis e camadas da teoria, o que dificulta sua compreensão.

Nesse contexto, pode-se dizer que a psicanálise, sob a perspectiva dos anti-metapsicologistas, é dividida em duas partes: uma empírica, ou seja, a psicologia dos fatos clínicos (psicologia do significado) e uma parte especulativa, a metapsicologia (um modelo causal de mente). A metapsicologia é a teoria geral e considerada como uma explicação para a clínica. No entanto, os anti-metapsicologistas (Klein, Holt, Gill, entre outros) a veem como uma “pseudo-explicação”, como diz Mackay (1983). Para esses críticos a teoria clínica é considerada como a verdadeira psicanálise, não restando espaço, portanto, para a teoria metapsicológica.

O ponto central dessa discussão é o argumento o qual a metapsicologia e os princípios clínicos pertencem a “universos diferentes do discurso”, sendo a primeira

² Apesar de diversos autores e críticos entenderem a psicanálise como uma teoria dicotômica, não nos parece possível falar em psicanálise clínica sem a metapsicologia. Pois, como disse Assoun (1996, p.24): “A psicanálise é um modo de tratamento das desordens neuróticas, fundado, justamente, no procedimento de investigação dos processos inconscientes. O que faz com que Freud jamais separe, por um momento, sequer, a pesquisa da ‘terapia’. Não há diferença entre pesquisar um ser neurótico e ‘tratá-lo’.”

uma explicação que situa a psicanálise no contexto das ciências naturais (como uma teoria causal da mente) e, a segunda, uma investigação que busca compreender os significados, os sentidos e as origens do comportamento.

A tabela abaixo retrata os principais contrastes apresentados entre a metapsicologia e os princípios clínicos, segundo Mackay (1989, p.186):

| Metapsicologia | Princípios Clínicos |
|---------------------------|--------------------------|
| Biologia | Psicologia |
| O modelo do Projeto | O Projeto é rejeitado |
| Freud médico | Freud psicólogo |
| Teoria especulativa | Dados |
| “Explicação” | Descrição |
| Modelo de ciência natural | Modelo de ciência humana |
| Mecanismo | Propósito |
| Explicação causal | Explicação intencional |
| “Como” | Por quê? |

De fato, a partir dessa tabela podemos notar que há vários pontos de divergência nos quais os críticos se apoiam para dizer que a metapsicologia é logicamente inconsistente com os princípios clínicos. Eles a identificam com o modelo do Projeto³, no qual é possível encontrar seus princípios fundamentais e, por isso, dizem que ela é uma versão ultrapassada de conceitos da fisiologia e da biologia evolucionária. É por meio desse argumento biológico que pretendem mostrar que “a metapsicologia é uma neurologia disfarçada e não um sistema explicativo autêntico para dados psicológicos” (MACKAY, 1989, p.188). Isto é, para os anti-metapsicologistas, não há possibilidade de correlação entre as proposições metapsicológicas que empregam conceitos que derivam da ciência natural - força, energia, estrutura - e as proposições psicológicas, que são construídas a partir dos conceitos de intenção e de significado. Além disso, consideram que a metapsicologia é uma teoria neurológica reescrita em uma linguagem psicológica, e essa transcrição que envolve conceitos provenientes das ciências naturais (biologia, física, química) para as proposições clínicas é vista como um tipo de reducionismo. Outro ponto é que, as explicações teóricas resultantes desse processo são

³ Projeto de uma psicologia científica, Editora Imago, tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr, 1995. Esse texto compunha-se originalmente na forma de um manuscrito redigido por Freud em 1895 e no qual se tentava apresentar um modelo de mente em termos de quantidades de neurônios.

completamente diferentes da metodologia empregada nas explicações clínicas, as quais não se aproximam do modelo mecanicista das ciências naturais.

Assim, podemos dizer, de acordo com Mackay, que a maior parte dos erros e das contradições que os anti-metapsicologistas apontam na teoria psicanalítica freudiana está, de certa forma, relacionada à sua gênese neurológica. Eles alegam, ainda, que a metapsicologia é uma “biologia perversa” e que até mesmo o modelo fisiológico que Freud utilizou está ultrapassado. No entanto, tal modelo dependia de uma especificidade neurológica, porque o intuito de Freud era tentar estabelecer em termos neurológicos gerais os mecanismos que proporcionaram as funções psicológicas, pelas quais ele estava interessado.

[...] não é o meu propósito defender a neurologia de Freud ou seus conceitos sobre o funcionamento das partes do cérebro. Outros têm feito isso, ou, então, têm usado o modelo de Freud para comparar com os modernos conceitos de processamento de informação. Eu concordo que a linguagem e as ideias que Freud usou estão ultrapassadas. Entretanto, o modelo que ele construiu dependia de uma especificidade neurológica. Freud estava interessado no Projeto como estão hoje os neuropsicólogos. (MACKAY, 1989, p.190)

O argumento utilizado pelos anti-metapsicologistas que questionam o tipo ou a qualidade da biologia ou da neurologia que Freud empregou na construção de sua teoria da mente não justifica um ataque ou uma defesa em relação à metapsicologia, pois tal argumento não é capaz de excluir as proposições neurológicas da psicanálise, em razão de estas últimas serem possíveis explicações para fenômenos psicológicos, como diz Mackay (1983).

Para esse autor, muitos dos princípios psicanalíticos existiam pré-psicanaliticamente e Freud os sintetizou dentro do modelo de mente:

O princípio mais geral é o que diz que o homem (incluindo a mente) é parte da natureza. Ele está sujeito às leis naturais. Assim, a mente é explicada. No entanto essa noção, geral como ela é, não tem consequências para a abordagem clínica de Freud. Ela é errônea não simplesmente em termos racionalistas, retratando o homem como uma criatura de razão. Na verdade, a descoberta freudiana sobre o inconsciente não está de acordo com a versão puramente racionalista de mente, pois esta última implica uma certa lógica e auto coerência na ação que é precisamente o contrário da descrição do inconsciente freudiano. Este racionalismo faz das razões inconscientes uma

anomalia, um enigma. Ao contrário, para Freud, a mente é compreendida em termos naturais e biológicos. Ela é causalmente explicável. Para esta perspectiva o indivíduo é primariamente inconsciente e se há algum enigma, é esse: Qual é a função da consciência? Assim o fisicalismo geral de Freud não se volta direta e especificamente para as hipóteses clínicas, ele estabelece o cenário para a abordagem clínica e para a ênfase sobre a motivação inconsciente. (MACKAY, 1989, p.198)

Ainda que Freud tenha feito algum tipo de analogia entre um evento psicológico e um evento biológico, o primeiro não se reduz ao segundo como argumentam os críticos da metapsicologia. Suas hipóteses nesse sentido eram de caráter especulativo. Como bem observa Mackay (1989, p.95), “esta é a maior falha dos anti-metapsicologistas ao justificar suas objeções em relação à metapsicologia ‘biológica’ de Freud. Geralmente, eles apoiam suas visões sobre doutrinas filosóficas não justificadas”.

A explicação causal que Freud atribui à metapsicologia é um tipo de explicação que não cabe às explicações clínicas, de acordo com os críticos. Para eles, esta é mais uma tentativa de Freud para aproximar a metapsicologia das ciências naturais, ou seja, é mais uma consequência de sua inclinação positivista, a qual procura explicar “como um fenômeno psicológico ocorre” e não a “causa” do fenômeno.

Como vimos, um dos pontos fundamentais sobre as críticas direcionadas à psicanálise freudiana concentra-se na relação entre a metapsicologia e a teoria clínica. A princípio, pode-se dizer que não há um consenso de que estas últimas possam formar um corpo único, mas, ao contrário do que pensam os anti-metapsicologistas, também não há fundamento para dissociá-las por completo ou atribuir a elas graus de importância diferentes.

De acordo com Mackay (1989), Freud percebeu que a sexualidade infantil e a motivação inconsciente estavam intrinsecamente ligadas. Então, ele passou a analisar todos os aspectos da personalidade normal e anormal, nesses termos. Esse aspecto de seu trabalho é o mais conhecido, o mais controverso e o mais atacado. Trata-se, portanto, mais uma vez, da complexa metapsicologia, sobre a qual a psicanálise freudiana se constitui.

Para teóricos como Holt (1989), por exemplo, a teoria clínica psicanalítica precisa passar por grandes mudanças e o primeiro passo para isso é consolidar de forma distinta a clínica da metapsicologia, libertando-as de seus erros lógicos e falácias. Sua

proposta é reformular a teoria clínica para que ela se torne testável, tornando a relação entre sua linguagem teórica e observacional, clara e sem formulações ambíguas.

Segundo Holt (1989) grande parte da confusão sobre o que é a metapsicologia, está no fato de ela apresentar algumas propriedades de uma linguagem, algumas de uma teoria e algumas de um modelo, sem encaixar-se totalmente em nenhuma delas. Por essa razão, os conceitos metapsicológicos não são definidos de uma forma precisa e as abstrações de tais conceitos são tratadas como se fossem estruturas, o que gera muitas contradições na metapsicologia:

Freud, ao desenvolver suas proposições cometeu muitos erros lógicos e falácias de raciocínio, pois usou extensivamente metáforas e figuras de linguagem em pontos de dificuldade teórica, uma prática que tende a ocultar ou desviar a atenção do fato de que os problemas fundamentais da teoria não foram solucionados. (HOLT, 1989, p. 325)

Em vista disso, pode-se dizer que a maior parte das críticas direcionadas à teoria psicanalítica diz respeito, especialmente, à metapsicologia. Tais críticas visam identificar e apontar problemas fundamentais da teoria, além de serem utilizadas para justificar o estado atual da psicanálise como um tipo de pseudociência. Vejamos alguns exemplos, de acordo com Holt (1989, p. 325):

- 1) A maior parte da metapsicologia é uma versão de termos ultrapassados da fisiologia, da anatomia e da antiga biologia evolucionária; o projeto, por exemplo, é resultante disso;
- 2) Energia psíquica, força e estruturas são apontadas como um estado metafísico, separado da realidade material, como instrumento de medida;
- 3) A metapsicologia é um sistema fechado, não tem nenhum valor heurístico ou explicativo;
- 4) Falta à metapsicologia uma parada consistente sobre conceitos filosóficos básicos - por exemplo - o problema mente-corpo, ou o problema da liberdade e do determinismo, ou o da natureza da realidade.

Para muitos teóricos, como Holt, a metapsicologia encontra-se em fase terminal - ao considerar os avanços da teoria clínica e o progressivo afastamento de teorias que não se adaptam ao modelo sistêmico de se fazer ciência - e sem nenhuma expectativa de recuperação. Portanto a situação da psicanálise é bastante confusa e desestruturadora.

Por essa razão, sua intenção é criar uma nova teoria, em vez de adotar a metapsicologia como uma teoria já estabelecida. Para tanto, ele pretende reexaminar os conceitos fundamentais da psicanálise e, a partir disso, estabelecer novos parâmetros epistemológicos para esta última.

Holt (1989) propõe a criação de um modelo que seja fiel a eventos puramente psicológicos (como desejos, sonhos, fantasias, sintomas), que pertença ao âmbito da clínica e que possibilite fazer previsões, as quais possam ser constantemente verificadas. Ele diz que tal modelo poderá correlacionar eventos psicológicos e eventos mensuráveis do organismo humano (notadamente o cérebro), ou seja, um modelo de teoria neurofisiológica. Tal modelo seria fundamentado na teoria dos sistemas, que considera o ser humano como um sistema psicobiológico, uma unidade natural, que se origina a partir de um outro grande sistema:

A contribuição final da teoria dos sistemas é que ela proporciona uma análise racional e compreensiva para a cooperação e interrelação de todas as ciências. Com este conhecimento nós poderemos parar de nos preocupar que a química se apodere eternamente da psiquiatria ou que o crescimento da neuropsicologia possa ameaçar a psicologia ou a psicanálise. (HOLT, 1989, p. 321).

O interesse de Holt na teoria dos sistemas está no fato dela apresentar pontos em comum com as teorias psicanalítica e neurocientífica. Ele acredita que esse poderá ser o ponto de partida para a construção do seu modelo:

[...] o modelo não poderá ser outra neurofisiologia ou psicanálise; ele poderá servir como uma função valiosa para ambas as disciplinas concedendo-lhes uma linguagem em comum e um conjunto de proposições em comum [...] uma língua franca, através da qual elas poderão se empenhar mutuamente estimulando o diálogo e a troca de idéias. Isto não significa, entretanto, que a psicanálise irá abandonar sua própria teoria e começar a falar sobre circuitos de *feedback* em vez de Complexo de Édipo. (HOLT, 1989, p.320-321)

Ao discutir a distinção entre teoria e modelo, Holt (1989) questiona que tipo de relação pode haver entre a metapsicologia e o resto da psicanálise. Nesse ponto já podemos notar que ele pressupõe uma separação entre a clínica e a metapsicologia, ou seja, a clássica discussão de “domínios separados” que se postula em relação à teoria psicanalítica. Para tanto, ele se apoia na filosofia da ciência, com os argumentos de que

“toda ciência tem que ter um domínio, uma linguagem e, por fim, uma teoria frequentemente também tem modelos.” (HOLT, 1989, p. 316).

A proposta de Holt, em relação à teoria dos sistemas, parece ser uma tentativa de fuga dos problemas epistemológicos gerados a partir da metapsicologia para a teoria psicanalítica. Essa fuga, a princípio, pode ser vista como uma condição de fragilidade de tal proposta, a qual poderá enfrentar sérias dificuldades até que consiga, de fato, alguma viabilidade de aplicação, tanto na teoria quanto na prática psicanalíticas, caso se leve em conta o seguinte argumento:

[...] a psicanálise não poderá constituir um sistema, porque seus conceitos de base, enquanto instrumentos heurísticos encontram-se em constante evolução, pois só servem para informar uma investigação dos fatos. Mas não é menos verdade que a natureza psicanalítica deve confrontar-se com a exigência de “uma superestrutura especulativa”, sem dever incorrer na acusação de sistema especulativo emanando de uma cientificidade mal compreendida. (ASSOUN, 1978, p. 66)

Holt e George Klein há alguns anos tentaram reformular a teoria psicanalítica acreditando que, desse modo, poderiam testá-la em seus laboratórios e em suas pesquisas empíricas. No entanto, não conseguiram encontrar nenhuma proposição freudiana que pudesse ser testada:

O azar da psicanálise é que Freud nunca desenvolveu nenhum meio de produzir e testar previsões, acreditando erradamente que sua teoria teria valor científico, tecendo especulações teóricas que não poderiam ser falsificadas por nenhum tipo de dados. (HOLT, 1989, p. 318)

Assim, Holt conclui que a psicanálise apresenta inúmeras dificuldades para ser testada, já que somente o psicanalista clínico é quem tem oportunidade incomparável de formular, intuir e observar regularidades para construir hipóteses. No entanto, ele aponta sérias dificuldades para a investigação da teoria como por exemplo a situação de tratamento, ou seja, o *setting* analítico como o único lugar possível para testar e avaliar hipóteses.

Contudo, é preciso enfatizar que, se por um lado, há teóricos que trabalham com a possibilidade de substituírem a metapsicologia, por outro, há os que defendem sua permanência no campo psicanalítico. Estes últimos acreditam que a metapsicologia tem

uma importância fundamental para o trabalho clínico, isto é, para a práxis psicanalítica e, portanto, não pretendem abandoná-la ou substituí-la.

Em suma, o fato de Freud tentar explicar sua teoria causal da mente pelo viés de uma ciência natural tornou-se o ponto de partida para as construções críticas acerca da teoria psicanalítica, assim como para a postulação do argumento de que há um “abismo ontológico” entre a metapsicologia e os princípios clínicos:

[...] a repartição da obra freudiana em duas dimensões qualitativamente distintas quanto a seus métodos, objetivos e quanto às funções que desempenham na conformação da psicanálise: a clínica e a metapsicologia. Essa divisão é recorrente nas interpretações filosóficas da psicanálise, tanto na tradição antropológica e humanista que vai de Politzer (1928) a Dalbiez (1936) e Ricoeur (1965), quanto na linha positivista e cientificista, ilustrada exemplarmente por Grünbaum (1984) e MacMilan (1991). Ela, em geral, resultou numa desqualificação da metapsicologia em proveito da clínica. (SIMANKE, 2008, p. 06)

De qualquer forma, para os anti-metapsicologistas não há possibilidade de correlação entre proposições psicológicas, que são construídas a partir dos conceitos de intenção e de significado, com as proposições metapsicológicas que empregam conceitos que derivam da ciência natural. Portanto, para eles, as proposições neurológicas não servem como explicações para fenômenos psicológicos, já que a metodologia empregada nas explicações clínicas difere completamente das explicações metapsicológicas, as quais se aproximam do modelo mecanicista das ciências naturais.

Outro ponto que deve ser notado é a relevância da relação entre a metapsicologia e princípios clínicos, a qual caracteriza e fundamenta o estatuto da psicanálise, pois a necessidade que Freud teve de construir uma metapsicologia revela a forma como ele pensava a construção de conhecimento, assim como a natureza da mente. No entanto, os anti-metapsicologistas insistem em dizer que a psicanálise, no mínimo, está fora da realidade. Eles rejeitam o modelo reificado de mente, isto é, um modelo que trata conceitos abstratos como se fossem reais e objetivos (MACKAY, 1989, p. 220).

A ideia de que os princípios clínicos são de fato independentes da metapsicologia se encerra sobre dois pontos de vista, a saber: o primeiro é que muitos dos princípios clínicos são condicionados por princípios metapsicológicos, pois inserem as explicações de um caso individual em hipótese metapsicológicas. O segundo é que

Freud depende de seu modelo metapsicológico de mente quando formula suas explicações sobre os estudos de casos. (MACKAY, 1989, p. 205).

Logo, pode-se dizer que a metapsicologia (uma suposição) completa a teoria clínica (uma descrição), isto é, ainda que esses teóricos digam que a psicanálise freudiana seja constituída por entidades teóricas de naturezas diferentes - empírica e especulativa -, vale lembrar que tais entidades são complementares para a existência dessa psicanálise.

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. (FREUD, 1996/1915, p. 123)

Diante desse contexto, vale lembrar que apesar de Freud ter feito uma analogia dos processos inconscientes com o modelo físico-químico, ele também propôs que a psicanálise tivesse uma epistemologia própria, a qual seria alcançada por meio dos conceitos fundamentais da epistemologia freudiana. Tais conceitos são necessários a toda ciência natural por possibilitarem a investigação dos fatos próprios a determinada ciência. É por intermédio desses conceitos que, na psicanálise, se torna possível a articulação entre a dimensão especulativa e a dimensão empírica. (ASSOUN, 1978, p. 65).

Contudo, a concepção de Freud de que a psicanálise é uma ciência da natureza, não deveria ser questionada em função de seu caráter especulativo, a saber, a metapsicologia, o qual não se restringe ao domínio da filosofia.

A essência da explicação freudiana é mostrada pela maneira com que Freud relaciona seus diferentes níveis de explicação. Para ele as explicações clínicas devem

ser incorporadas às explicações teóricas, para que as duas consistam em uma única explicação; ainda que ambas pertençam a níveis diferentes de explicação. Isto é, as explicações metapsicológicas fundamentam as explicações clínicas. Assim sendo, pode-se dizer que onde termina a explicação clínica começa a explicação metapsicológica:

Metapsicologia, aquela dimensão da Psicanálise que, segundo Freud, teria por função elaborar ferramentas teóricas (conceitos, princípios, modelos) que serviriam de base de sustentação para hipóteses de menor grau de teoricidade, isto é, para aquelas hipóteses cuja relação com o material fenomênico seria bem mais próxima. Caberia às construções metapsicológicas a missão última de conferir um máximo grau de inteligibilidade a esse material fenomênico. (MILIDONI, 1994, p. 152)

Para tanto, Freud formulou três perspectivas para definir a metapsicologia, a saber, a tópica, a dinâmica e a econômica:

[...] fiz uma tentativa para produzir uma ‘Metapsicologia’. Com isso eu queria dizer um método de abordagem de acordo com o qual todo processo mental é considerado em relação com três coordenadas, as quais eu descrevi como dinâmica, topográfica e econômica, respectivamente; e isso me pareceu representar a maior meta que a psicologia poderia alcançar. (FREUD, 1974/1925, p. 74)

A explicação do aparelho psíquico, segundo uma metapsicologia, está intrinsecamente ligada à explicação dos processos psíquicos sob as relações tópica, dinâmica e econômica. Nesse sentido, sabemos que o funcionamento psíquico fundamenta-se em uma relação dinâmica, entre o consciente-pré-consciente e o inconsciente e que os conflitos e as composições de forças de origem pulsional, que geram pressões no organismo originam tal funcionamento, e assim temos o aspecto dinâmico da psique. E o aspecto econômico dessa última confere-lhe a explicação segundo a qual a natureza dos processos psicológicos reside na circulação e na repartição de uma energia pulsional quantificável. Consequentemente, a influência exercida pelas pulsões proporciona a funcionalidade dos três sistemas que constituem o aparelho psíquico: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Cada um destes refere-se, metaforicamente, a tipos de processos psíquicos, isto é, a uma concepção tópica da *psique*:

A noção de tópica remete-nos a uma outra noção, a de metapsicologia, da qual ela é uma parte essencial. “Parte” é até dizer muito pouco, se considerarmos que indissolivelmente cada um dos “pontos de vista” (tópico, dinâmico e econômico) da metapsicologia remete a outros dois, só se sustenta através dos outros dois. (LAPLANCHE, 1987, p. 238)

A psicanálise possui um método de investigação diferenciado da filosofia do empirismo lógico, especialmente, no que se refere aos procedimentos de teste e verificação. Devido a esse fato, os empiristas dizem que a psicanálise não pode ser considerada como uma ciência de observação, porque na prática clínica os comportamentos (um sintoma, a reação do paciente diante de uma interpretação, um ato falho) são observados e identificados pelo analista de maneira subjetiva, e isso ocorre antes que a interpretação seja elaborada.

A psicanálise procura explicar grande parte do comportamento humano em termos de “desejos inconscientes” e, para isso, não abre mão da explicação causal. Em suas explicações acerca do mental, ela procura correlacionar o racional ao irracional tanto na teoria quanto na prática e, portanto, não trata apenas do irracional como muitos autores dizem. O que ocorre de fato é que, normalmente, atribui-se uma motivação inconsciente aos comportamentos que são considerados, a princípio, “irracionais”.

A interpretação psicanalítica vai além do perceptível, portanto, é nesse ponto que entra a dimensão intencional, um dos aspectos que afasta a psicanálise de um modelo de ciência de observação. Na prática clínica, o analista, num primeiro momento, procura apreender o que o paciente revela por meio de atos verbais e, a partir disso, infere o que o paciente disse num nível mais profundo, ou seja, no inconsciente. Dessa forma, a todo comportamento, é atribuído um sentido oculto. Assim, pode-se dizer que os sintomas já têm uma dimensão intencional, sem a qual a interpretação não se sustenta.

Este tipo de observação, entretanto, não é aceito pelos empiristas, pois eles não aceitam nenhum tipo de explicação intencional. A filosofia da ciência empirista rejeita explicações de caráter subjetivo, por isso recorre sempre aos dados. Nesse sentido, de acordo com a lógica do empirismo, as observações psicanalíticas deveriam ser explicadas segundo um conjunto de entidades teóricas, para, enfim, se adequarem a uma metodologia empírica.

Ora, de acordo com a filosofia empirista da ciência, uma determinada entidade teórica é reconhecida à medida que fornece resultados perceptíveis e passíveis de

verificação. Entretanto, este é um modelo empírico reducionista, que tem sentido para os paradigmas de uma ciência como a Física, por exemplo, mas não para a Psicanálise.

A essência da explicação freudiana é mostrada pela maneira com que Freud relaciona seus diferentes níveis de explicação. Para ele, as explicações clínicas devem ser incorporadas às explicações teóricas, para que as duas consistam em uma única explicação. Portanto, se considerarmos que as explicações metapsicológicas fundamentam as explicações clínicas, poderemos dizer também que onde termina a explicação clínica começa a explicação metapsicológica.

O sentido de um determinado comportamento humano somente é compreendido quando atribuímos a ele um significado. Os desejos, as emoções são objetos intencionais, isto é, são compreendidos por meio de imagens e significados a eles atribuídos. Uma pulsão, por exemplo, só pode ser compreendida por intermédio de seus representantes. Como diz Freud (1996/1915, p. 182), “uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, só a ideia que a representa pode”. A pulsão tem, evidentemente, princípios fisiológicos que determinam sua intensidade, mas sua ação psíquica não pode ser compreendida, apenas, por meio de seu(s) objetivo(s), ou seja, da satisfação visada:

[...] a metapsicologia é essa racionalidade que comporta uma transgressão secreta em relação às formas recenseadas de racionalidade. Mas ela é também, e fundamentalmente, uma recusa de abandonar o inconsciente a irracionalidade: trata-se de lhe fazer justiça, construindo-o como trans-objetividade (metapsicológica), bem designada pelo termo “pulsão”. (Trieb). (ASSOUN, 1996, p. 30)

Do mesmo modo funcionam os processos de deslocamento e condensação, os mecanismos de projeção e introjeção, ou seja, funcionam num nível intencional. Freud explica as distorções dos sentidos por meio das forças que emergem do conflito. Portanto, não é possível entender o comportamento humano somente por intermédio do sentido intencional, já que ele sofre também uma ação causal, que desvia o desejo de seu objetivo primeiro para um fim secundário.

Um comportamento humano tem um sentido que é orientado para um fim, no entanto, não é possível identificá-lo somente pelo seu sentido. De acordo com Minhot (2006) para sabermos como um sentido opera, quais são seus objetivos, é preciso uma hermenêutica explicativa, sendo essa é a linguagem da psicanálise.

Há teóricos que provocam uma cisão na epistemologia freudiana ao dizerem que o método psicanalítico preenche os requisitos para pertencer a um plano científico,

enquanto que a doutrina freudiana não, por não ser passível de verificação. É como se toda a fragilidade da psicanálise estivesse contida em sua própria episteme, ou seja, em seus princípios e em sua linguagem.

O ponto de vista energético, por exemplo, é considerado como um dos maiores erros que a psicanálise freudiana apresenta e isso se revela por meio dos contrastes apresentados entre a problemática energética e a teoria do sentido. Por um lado, temos a representação do aparelho psíquico por meio do materialismo da energia e, por outro, a interpretação do sentido, ou seja, uma análise intencional:

É verdade que há no cerne do freudismo uma problemática energética e uma teoria do sentido. Freud, porém, nunca se apresentou como sintetizador da energia e do sentido. Talvez seu caso seja mais grave, do ponto de vista de seus detratores fenomenólogos, do que eles possam pensar: jamais separou o destino de sua problemática energética e de sua teoria do sentido. Freud não é alguém que passeia de uma a outra, tentando mantê-las juntas e obtendo maior ou menor êxito: ele nunca dissociou uma da outra! (ASSOUN, 1983, p. 31).

Nesse contexto, pode-se dizer que, apesar das constantes críticas que a hipótese biológica de Freud recebe tanto de filósofos como de psicanalistas, ainda não surgiu outra com a mesma capacidade explicativa capaz de substituí-la.

Segundo Assoun (1996, p. 30), “o inconsciente deve ser concebido radicalmente como objeto metapsicológico, como *Grundbegriff*. Essa posição o faz sair ao mesmo tempo da posição psicológica e da concepção filosófica tradicionais”. A princípio, podemos considerar a metapsicologia como o principal objeto de estudo da epistemologia da psicanálise, pois ela constitui o eixo fundamental para o entendimento dessa epistemologia.

A metapsicologia, enquanto uma perspectiva metodológica, pode ser entendida como uma técnica epistêmica, além de uma exigência especulativa para a construção do conhecimento psicanalítico. Ela é requisito básico para pensarmos a epistemologia própria da psicanálise, como diz Assoun (1978). O conhecimento endopsíquico, isto é, o conhecimento dos fenômenos psíquicos e do que se passa no inconsciente, como vimos, está intrinsecamente ligado às noções tópica, dinâmica e econômica, as quais constituem a metapsicologia.

As críticas direcionadas à metapsicologia, como vimos até aqui, sustentam o argumento de que ela produz modelos conceptuais que estão distantes da realidade

empírica. O objetivo principal de tais críticas é pôr em xeque o valor heurístico ou explicativo da psicanálise. Entretanto, é preciso advertir que a psicanálise não se reduz à metapsicologia, mas sem esta última não há como conceber uma epistemologia da primeira. Vejamos o que diz Milidoni, no seguinte trecho:

As hipóteses metapsicológicas não dizem respeito à natureza do psíquico, nem lhe traçam as coordenadas transcendentais, embora possam repousar sobre pressupostos filosóficos e constituam, às vezes, bons pontos de partida para se extraírem, das mesmas, consequências que sejam, sim, filosóficas. Nada impede, portanto, focalizar com olhar filosófico algo não filosófico, neste caso, as construções metapsicológicas. (MILIDONI, 1994, p. 152)

Ora, a abstração filosófica, por suas tentativas de se emancipar dos fatos, acaba caindo no perigo da “má abstração”, sempre voltada para a experiência, enquanto que, a abstração psicanalítica - do conceito metapsicológico -, constitui a “boa abstração”, por sempre ser passível de revisão. É em consequência desses fatos que Freud recusa a analogia que é feita entre a especulação psicanalítica e a especulação filosófica, como diz Assoun (1978).

Assim, é possível dizer que a epistemologia da psicanálise não se fundamenta em uma dicotomia, pois de acordo com Minhot (2006, p. 80): “A psicanálise não pode ser reduzida a uma de suas partes; a psicanálise reside tanto na metapsicologia como na teoria clínica, e na teoria dos sonhos como na dos atos falhos, e na prática clínica. E todas elas cumprem uma função constitutiva”.

Logo, a tese que argumenta que os princípios clínicos e a metapsicologia pertencem a universos diferentes do discurso não se sustenta, pois, como vimos, a explicação dos princípios clínicos em psicanálise depende de uma metapsicologia e a interação entre ambos é o que caracteriza e fundamenta a epistemologia em questão.

Referências

- ASSOUN, P.L. *Metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
_____. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
_____. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
FREUD, S. *Os instintos e suas vicissitudes (Pulsões e seus destinos)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1915). v.14.
_____. *Um estudo autobiográfico*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (1925). v.20.

- FULGÊNCIO, L. As especulações metapsicológicas de Freud. In: *Natureza Humana* 5(1): p.129-173, jan - jun., 2003
- GABBI, Jr, É possível uma clínica psicanalítica sem metapsicologia? Rio de Janeiro: *Psicanalítica* 12(1): 65-73, 2000.
- HOLT, R.R. *Freud reappraised*. New York: The Guilford Press, 1989.
- LAPLANCHE, J. A psicanálise como anti-hermenêutica. In: *Revista Psicanalítica: Publicação do Centro Psicanalítico de Pernambuco*, ano 3, número 3, dezembro de 1995, p.71- 84.
- _____. *Problemáticas I – A Angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MACKAY, N. *Motivation and Explanation. An essay on Freud's philosophy of science*. Psychological Issues. Monograph 56. Madison, Connecticut: International Universities Press, 1989.
- MILIDONI, C.B. Algumas considerações sobre o estatuto do psicológico no “Projeto” freudiano. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo, 17:151-166, 1994.
- MINHOT, L. La ontología del psicoanálisis. In: *Natureza Humana: Revista de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: Educ. Vol. 8, número especial 1, outubro de 2006. p. 63-89.
- SIMANKE, R. T. “Realismo e anti-realismo na interpretação da metapsicologia freudiana”. *Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise*, 2009. 11 (2), p. 97-152.
- SPENCE, D. P. *A metáfora freudiana: para uma mudança paradigmática na psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.